

Análise do cordel a *vida do seringueiro*, de José Valentim a partir do pós-colonialismo**Analysis of cordel the life of the rubber tapper, by José Valentim from post-colonialism**

DOI:10.34117/bjdv6n7-358

Recebimento dos originais: 10/06/2020

Aceitação para publicação: 15/07/2020

Antonio Paulino dos Santos

Graduação em Informática. Pós-Graduação em Gestão Pública Municipal e Mestrado em Ensino Tecnológico. Trabalha como assistente administrativo no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.
E-mail: antonio.santos@ifam.edu.br

Arquimar Barbosa de Oliveira

Mestre em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Professor educação Física da Educação Básica, Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Goiás.
E-mail: arquimar.oliveira@ifgoiano.edu.br

Elias Bezerra de Souza

Mestrando em Ensino de Ciências pela Universidade do Estado do Amazonas – UFAM. Servidor público do Instituto Federal do Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM.
E-mail: elias.bezerra@ifam.edu.br

Fanliene de Sousa Batista

Graduada em Pedagogia. Professora da Rede municipal e Estadual de Rondônia. Mestranda em Estudos Literários da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.
E-mail: franciscaserrao13@gmail.com

Francisca Lusia Serrão Ferreira

Henrique Pereira Galvão
Pós-graduação em Metodologia do Ensino da História e da Geografia pela FAVENI, Mestrando em Estudos Literários pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.
E-mail: henriquepvhgalvao@hotmail.com

Lilian Nascimento Martins

Graduada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, professora de Educação Básica da Rede Estadual de Minas Gerais.
E-mail: liliann.martins@yahoo.com.br

Ronilson de Sousa Lopes

Pós-Graduação em Educação Profissional Tecnológica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM; Mestrando em Estudos Literários da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.
E-mail: lopespav@yahoo.com.br

RESUMO

A *Vida do Seringueiro*, poema de cordel de José Valentim, poeta amazonense do município de Lábrea. Em seus versos o autor narra a exploração do trabalhador no seringal, capítulo da história conhecido como o “ciclo da borracha”. O objetivo deste artigo é analisar o poema de cordel de Valentim a partir do pós-colonialismo, para isso, faz-se necessário compreender a história do cordel, estudar o momento histórico em que o poeta denuncia e discutir o poema à luz da atualidade, fundamentando em teóricos do pós-colonialismo. O método de estudo foi o bibliográfico, em autores como Antonio Carlos Galvão Silva, na obra *O seringal no município de Lábrea*, Pedro Pires da Silva, no livro *Retratos Sul-Amazônicos: Fragmentos da História do Rio Purus*, Thomas Bonnici, no livro *Pós-Colonialismo e a literatura*, dentre outros. Acredita-se que o poema de José Valentim, datado de 1982, possa ser considerado Pós-Colonial.

Palavras-chave: Literatura. Subserviência. Pós-colonialismo. Seringueiro.

ABSTRACT

A *Vida do Seringueiro*, a string poem by José Valentim, an Amazonian poet from the municipality of Lábrea. In his verses the author narrates the exploitation of workers in the rubber plantation, a chapter in history known as the “rubber cycle”. The purpose of this article is to analyze the valentines string poem from post-colonialism, for that, it is necessary to understand the history of the string, study the historical moment in which the poet denounces and discuss the poem in the light of today, based on postcolonial theorists. The study method was bibliographic, in authors such as Antonio Carlos Galvão Silva, in the work *O seringal in the municipality of Lábrea*, Pedro Pires da Silva, in the book *Portraits South Amazon: Fragments of the History of the Purus River*, Thomas Bonnici, in the book *Pós -Colonialism and literature*, among others. It is believed that José Valentim's poem, dated 1982, can be considered Post-Colonial.

Keywords: Literature. Subservience. Post-colonialism. Rubber tapper.

1 INTRODUÇÃO

O poema de Cordel, *A vida do seringueiro*, do poeta amazonense José Valentim descreve a vida do trabalhador do Seringal na época do “segundo ciclo da borracha” no Brasil. Para Souza “O ciclo da borracha foi um dos mais efêmeros ciclos econômicos do Brasil. Da humilde origem em 1870 o extrativismo da borracha ocupou em 1910 um quarto das explorações brasileiras”. (SOUZA, p.236, 2009).

O poeta retrata a sua época com veemência em seu poema, porém a forma de exploração e suas consequências possui maior repercussão, com as quais ainda estão enraizadas em nossa sociedade contemporânea, uma vez que o modelo de colonização onde o colonizador explora os colonizados ainda se faz presente no interior da Amazônia.

José Valentim da Silva nasceu em Lábrea em 1935, ou seja, em pleno auge da indústria da borracha. Sua cidade, Lábrea, está situada à margem direita do rio Purus, uma das mais importantes para a extração do látex, visto que em seu município havia os principais seringais brasileiros. Talvez por isso, o poeta dedicou um importante cordel para falar desse período histórico.

A leitura dos versos do poeta nos ajuda a compreender as analogias entre o seringalista e o seringueiro, ou seja, as relações entre os donos de seringais e os trabalhadores responsáveis para extrair a seiva da seringa. Essa relação era marcada pela exploração da mão de obra daqueles que vinham tentar a sorte no meio da mata. Mas, a busca do sonho com a fortuna terminava sendo uma escravização, como relata Souza,

A conjugação de períodos de seca e depressão econômica levaram o Nordeste brasileiro, especialmente o estado do Ceará, a participar com o grande número de imigrantes, que a partir de 1877 foram chegando em levas desordenadas, para a seguir se transformar numa rotina perversa, resultando num quadro de terrível exploração humana. (SOUZA, p.276, 2009)

A partir da análise dos versos do poeta pretende-se descobrir se esse autor pode ser considerado pós-colonialista e demonstrar, fundamentando em sua literatura, de forma evidente de que maneira esse fato pode ser percebido.

2 A LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel, a qual pode ser conceituada como poema popular, tem origem Portuguesa. A mesma chegou ao Brasil, no Nordeste, por volta do século XVIII e, posteriormente espalhou-se pelas outras regiões Brasileiras.

Para Lopes (2010) “a literatura de cordel é, precisamente, a poesia popular em rima, antes oral, sendo que ainda em alguns lugares permanece a oralidade, e impressa em folhetos” (LOPES, 2010, p. 98). Na atualidade, é comum a socialização na forma oralizada, através de filmagens de encontros de poetas em sarais ou programas televisivos, porque facilita a difusão das obras nos meios de comunicações de massa.

Os cordelistas costumam elaborar seus folhetins e exporem para serem vendidos em pequenas bancas pendurados em cordas ou cordéis, por isso, essa literatura recebeu esse nome, devido essa forma de exposição. É comum encontrar essas bancas, em pequenas cidades do Nordeste, no entanto, também é possível encontrá-las em várias capitais brasileiras.

Segundo Santos (2014) “o cordel tem como fonte principal de inspiração poética o cotidiano, justamente o cotidiano que é um espaço rico em encontros e interencontros de culturas e situações socioculturais” (SANTOS, 2014, p. 38). Esta talvez seja uma das características mais relevantes dessa literatura, já que possibilita a reflexão de temas de importância para a sociedade, tornando acessível tanto ao acadêmico como ao homem simples, nas zonas rurais e nas periferias do Brasil.

A literatura de cordel costuma abordar temas de relevância para o cotidiano onde ela está inserida, como por exemplo, relacionamentos amorosos, política, história dos conflitos os chamados

revoltosos contra o poder estabelecido, como é o caso de Lampião, a fé do povo pobre. O cordel de José Valentim não é diferente, ele trata de um acontecimento que envolveu grande parte dos munícipes de sua cidade, a exploração da seringa.

O cordel, chegou em Lábrea na época do primeiro ciclo da borracha, o qual ocorreu entre os anos 1877 a 1920, com a vinda de nordestinos para o interior da Amazônia. “o povo nordestino trouxe esta forma específica de narrar os acontecimentos da vida e do cotidiano, como fica evidente nos versos de José Valentim, importante cordelista local, quando descreve a vida do seringueiro” (LOPES & CORREIA, 2019, p. 220). Seus versos mostram que o cordel floresceu e ganhou novos temas, como é o caso de que utiliza dessa forma poética para denunciar a realidade de opressão sofrida pelos seringueiros.

3 A VIDA E A OBRA DO POETA

Segundo informações contidas no livro *O seringal no município de Lábrea: espaço vivido e a resistência de um tempo*, de Antonio Carlos Galvão da Silva, José Valentim da Silva nasceu no dia 21 de maio de 1935, na cidade de Lábrea, no Estado do Amazonas e, faleceu na mesma cidade de seu nascimento em 28 de abril de 1993. Era filho do cearense Eduardo Valentim da Silva e da amazonense Francisca Ovídia da Silva. Exerceu várias profissões, inclusive a de seringueiro. Casou-se com Luisa Freire da Rocha e juntos tiveram oito filhos.

Valentim tinha poucos estudos formais, “cursou apenas até a 3ª série da educação colegial em Lábrea, mas foi o suficiente para o homem pacato se confundir com o poeta em sua magnífica literatura de cordel” (SILVA, 2012, p. 132). A leitura de seus versos confirma o seu talento, inteligência, e capacidade de ler o mundo com criticidade.

O poeta escreveu vários cordéis, dentre eles *O Atentado ao Papa*, *Os Pinguços*, *Vida e morte do piloto Valdomir*, *A balsa de açacu*, *Chibata e o pé inchado* e muitos outros, todos com temas de relevância social. Porém, o que lhe deu maior notoriedade foi, “*A vida do seringueiro*”.

Não se sabe ao certo se chegou a publicar todos os seus escritos em vida, entretanto o que se sabe é que há um folhetim organizado por Cleomildo de Melo Freire, datado de 1982, no qual foram publicados três cordéis: *O Atentado ao Papa*, *Vida e morte do piloto Valdomir* e *A vida do seringueiro*, os quais, segundo Silva (2012), “são as obras mais conhecidas” (SILVA, 2012, p. 132), do poeta de Lábrea.

Além desse folhetim, há outro chamado *José Valentim da Silva: obras (2008)*, organizado pelo professor Enio Bettine Rocha com a ajuda de Francisco Freire Valentim, filho do cordelista e dos escritores Elias Bezerra de Souza e Ir. Sebastião Antonio Ferrarini, com o intuito de imortalizar as obras do artista.

Dentre os cordéis do escritor destaca-se a *Vida do Seringueiro*, poema que fora publicado nos folhetins mencionados, bem como nas obras: *Vozes da Hiléia* (1981) de Sebastião Antonio Ferrarini. No livro *Nossos momentos: antologia poética* (1995) do escritor pauiniense, com título de cidadão labrense, Elias Bezerra de Souza. Dissertação de mestrado *O seringal no município de Lábrea: o espaço vivido e a resistência do um tempo* de Antônio Carlos Galvão da Silva. Parte do poema foi escrito na introdução do conto *Cativos da Fortuna*, no livro *Maciary, ou para além do encontro das águas* (2018) de Hélio Rocha.

Além dessas publicações da obra do escritor, há dois autores que homenagearam o poeta ao seu estilo, foram eles: Francisco Freire Valentim, com o poema *Lembranças de José Valentim* (2003) e, Elias Bezerra de Souza, com o cordel *O poeta não morreu: ao cordelista José Valentim* (2000).

Francisco Freire Valentim escreve, em seu poema de cordel de 37 estrofes sextilhas dedicado ao pai, justamente no ano em que o poeta José Valentim fez dez anos de falecido, versos que exaltam o cordelista,

Homem sério e talentoso
 Honesto e educado
 Senhor José Valentim
 Este homem tão honrado
 Que foi um grande poeta
 Por todos considerado (FREIRE VALENTIM, 2003, p. 01).

Quanto ao escritor e poeta pauiniense Elias Bezerra de Souza, este dedicou 72 versos de quatro estrofes, falando da vida e da obra de José Valentim, conforme pode-se ler nos versos abaixo,

Entre as mais conhecidas
 Algumas eu vou citar
 A vida do seringueiro
 Vale a pena destacar (SOUZA, 2012, p. 04).

Desse modo, acredita-se que essas publicações de poemas de Valentim, ou parte de alguns deles, em obras de poetas e pesquisadores, assim como os poemas feitos em honra ao trabalho literário do escritor demonstram a relevância da obra poeta amazonense.

4 A VIDA DO SERINGUEIRO

O poema de cordel *A vida do Seringueiro*, de José Valentim, o qual é composto por 45 estrofes de seis versos e sete sílabas métricas, traz uma reflexão sobre as condições de vida e de labor dos trabalhadores do seringal na época do “ciclo da borracha”, como pode ser lido,

Vou descrever uma história,
Falando do seringueiro
Vejam o quanto sofre
Esse infeliz brasileiro
Que trabalha a vida inteira
E não sai do cativoiro (VALENTIM, s/d, apud SOUZA, 1995, p. 17).

Como se nota, já na abertura do poema, o narrador expõe o sofrimento por que passam os seringueiros por suas condições de trabalho, o qual, segundo ele é um cativoiro, portanto, um lugar onde o patrão lhe rouba a liberdade, não exatamente a força, entretanto nas condições de vida e das relações de trabalho que estabeleciam em lugares tão remotos.

O poeta descreveu com propriedade as artimanhas com que os seringalistas conquistavam os trabalhadores para que fossem viver no seringal, prometendo muitas facilidades e com isso, terminavam aceitando a proposta,

O patrão chama o freguês
Para ir pro seringal
Dizendo que lá é bom,
Como lá não têm igual.
Ainda pago o produto
A preço da capital (VALENTIM, s/d, apud SOUZA, 1995, p. 17)

Os fatos destes versos em cordel de Valentim são confirmados por Silva quando diz: “os retirantes eram impulsionados a saírem de um estado de penúria, em razão de péssimas condições de vida na qual boa parte vivia. Também foram induzidos e condicionados por agressivas propagandas” (SILVA, 2012, p. 16). Tais propagandas mexiam com o imaginário dos trabalhadores, com o sonho de uma vida melhor, com fartura.

Bonnici retrata que “A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores” (BONNICI, p.260, 2019), afirmativa essa que se faz presente nos seringais amazonense.

Todavia, o escritor cordelista vai demonstrar ao longo do poema que essas propagandas feitas aos seringueiros eram falsas, que foram somente para conquistar a confiança desses trabalhadores, porém, na prática, eles não saíram de uma situação de penúria, apenas substituíram a realidade a qual viviam, para um âmbito insalutífero, não obstante opressivo e exploratório,

O besta vai na conversa
E fica todo animado.
Na primeira aviação
Fica logo encalacrado
E ali por uns dez anos,
Vai viver aperreado (VALENTIM, s/d, apud SOUZA, 1995, p. 17).

O patrão irá explorá-lo, roubando a sua força de trabalho, superfaturando os produtos de consumo, tanto como a mão de obra do seringueiro, quanto os gêneros alimentícios necessários para a subsistência, sendo que o trabalhador não tinha tempo e tampouco condições para produzir e, portanto, precisava comprar do próprio patrão. “O seringalista, através do seu “gerente de vendas”, disponibilizava mercadorias a crédito ao seringueiro, praticando preços altíssimos” (SILVA, 2010, p. 120). Visto que era uma estratégia do patrão deixar os seringueiros sempre endividados, a produção nunca era o suficiente,

O patrão pesa a borracha
Em uma balança velha
E diz para o freguês:
“Você quase não fez nada,
Pois se assim continuar,
Sua conta será cortada” (VALENTIM, s/d, apud SOUZA, 1995, p. 22).

Além disso, ele não podia se rebelar, buscar saída, “o subalterno não pode falar”, (SPIVAK, 2010, p. 126). Embora a escritora esteja falando de outro contexto, utiliza-se aqui esse conceito de silenciamento, da impossibilidade de falar, porque era uma realidade nos seringais.

O seringalista, por meio do gerente de barracão, sempre encontrava uma maneira de enganar o trabalhador, “aumento do valor final de todas as compras feitas pelo seringueiro; inclusão nas notas de compra de mercadorias não compradas, desconto muito acima do combinado no peso da borracha” (SILVA, 2010, p. 120). Dessa forma, ele nem conseguia perceber que estava sendo enganado.

“Mas vou somar seu talão,
Com as compras do outro mês.
De vinte se leva dois,
Mas pra você vão três.
De cinquenta leva cinco,
Mas pra você vão seis”.

O pobre diz para os outros:
“O patrão quer me ajudar;
Já sei que minha vida
Agora vai melhorar;
Estou muito satisfeito
Com seu modo de somar” (VALENTIM, s/d, apud SOUZA, 1995, p. 22).

Por isso, diz que “a literatura pós-colonial revela este desejo de recuperar a voz subalterna que oferece um contradiscurso, ou uma contra narrativa ao discurso europeu, ao eurocentrismo e etnocentrismo” (NENEVE & SAMPAIO, 2016, p. 17). É o que se constata na literatura de Valentim, seu discurso dá voz às agruras dos seringueiros.

Nesse sentido, pode-se dizer que o cordel *A vida do seringueiro* é pós-colonial. Para essa compreensão utilizamos Thomas Bonicci. Embora o crítico esteja falando de outro contexto, acreditamos que se aplique à literatura de Valentim, uma vez que “a crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado” (BONNICI, 2000, p. 10).

Quando se diz que os escritos contribuem para o entendimento do contexto atual, cabe lembrar que Valentim escreveu o cordel para criticar sua época, no entanto, sua crítica contribui para entendermos a sociedade amazônica, em suas diversas localidades onde foram realizadas as coletas do látex, em virtude desse tipo de exploração ter deixado suas marcas que perduram até a atualidade.

Segundo Silva (2010), “Lábrea, por volta da primeira década do século XX, era a cidade que possuía melhor infraestrutura urbana, várias casas comerciais, serviço de Correios e de imprensa, com alguns jornais circulando periodicamente” (SILVA, 2010, p. 107).

Essa é uma leitura positiva do resultado dos seringais no município de Lábrea, no Amazonas. No entanto, para que aqueles territórios fossem explorados, fez-se necessário expulsar os indígenas de suas terras, gerando conflitos que existem até os dias de hoje, bem como, pode-se dizer, que trouxe para o Amazonas um modelo de exploração capitalista que persiste até hoje, destruindo a fauna e a flora de forma depredatória, e principalmente arruinando vidas humanas, quando não as ceifando.

A literatura de José Valentim, socializada nos versos de *A vida do seringueiro* demonstra uma postura pós-colonial. Neneve e Sampaio (2016) afirmam que a colaboração desse tipo de literatura traz uma “postura anticolonial, contra todo tipo de preconceito, de desigualdade e injustiça”, (NENEVE & SAMPAIO, 2016, p 16). Essa postura pode ser constatada nos versos do poeta. “O autor retrata a árdua e agonizante luta do seringueiro para manter-se vivo diante de um regime de trabalho cruel, numa região inóspita e cheia de perigo”, (SILVA, 2012, p. 132).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema de cordel *A vida do seringueiro*, do poeta e escritor amazonense José Valentim da Silva traz uma crítica contundente à sociedade de sua época, marcada pela exploração do homem no “segundo ciclo da borracha” na Amazônia brasileira no contexto da realidade amazonense e labrense.

A cidade de Lábrea concebeu uma grande potência na representação econômica do Amazonas, porém o sucesso do seringal se deve a esse personagem marcante, histórico e esquecido pelas autoridades brasileiras o seringueiro.

Esse poema pode ser considerado pós-colonial, visto que denuncia a situação de dominação local, contribuindo para a compreensão crítica de seus leitores inclusive no contexto da sociedade atual.

A postura anticolonial pode ser identificada a partir do ponto de vista do poeta, ao se colocar ao lado dos trabalhadores do seringal, dado que, ao dar voz aos mesmos está denunciando as formas de maus tratos, condições inóspitas e a conduta opressora e exploratória que os seringalistas submetiam os seringueiros.

Trabalhadores esses que deixaram suas cidades e familiares, para fomentar o crescimento econômico do país, é certo que as condições atualmente já não compactuam com as vivenciadas no auge do ouro branco. Contudo essas mudanças levaram o seringueiro a se reinventar e diversificar seu modelo de vida e sobrevivência.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BONNICI, T. Teoria e crítica pós--colonialistas. In: BONICCI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4.ed. revista e compilada. Maringá: Eduem. 2019.

LOPES, Ronilson de Sousa. Um olhar filosófico através da literatura de cordel. In: **Horizonte Teológico**. V.9. ° 17. Belo Horizonte, 2010. p. 98-104.

LOPES, Ronilson de Sousa; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira. **O Ensino de filosofia por meio da literatura de cordel**. 2019. Trabalho apresentado no V Simpósio em: Ensino Tecnológico no Amazonas Manaus, 2019. Disponível em <http://ppget.ifam.edu.br/anais-do-seta-2019-já-estao-disponiveis>. Acesso em 04 de jun. 2020. p. 216-225.

NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Pós-colonialismos: promovendo diálogos. In: **Pósc-colonialismo: uma leitura política dos textos literários**. São Carlos: Editora Scienza, 2016. p. 11-22.

SILVA, Antonio Carlos Galvão da. **O seringal no município de Lábrea: o espaço e a resistência de um tempo**. São Paulo: Scortecci, 2012.

_____. **O seringal no município de Lábrea: o espaço e a resistência de um tempo.** 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008. Disponível _____ em: <http://www.google.de/search?q=SILVA%2C+Jos%C3%A9+Valentin.+A+vida+do+seringueiro.+L%C3%A1brea%2C=1981>. Acesso em: 8 de jun. 2020.

SANTOS, Ivanaldo. A fé Católica na Literatura de Cordel. In: **Horizonte Teológico.** V.13. ° 25. Belo Horizonte, 2014. p. 33-57.

SILVA, Pedro Pires da. **Retratos Sul-Amazônicos: fragmentos da história do Rio Purus.** São Paulo: Scortecci, 2010.

SOUZA, Elias Bezerra. **O poeta não morreu: ao cordelista José Valentim.** Lábrea, 2000.

SOUZA, Márcio. *História da Amazônia.* Manaus: Valer, 2009.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

VALENTIM, Francisco Freire. **Lembranças de José Valentim.** Lábrea, 2003.

_____. A vida do seringueiro. In: **Antologia poética nossos momentos: antologia poética.** SOUSA, Elias. São Paulo: Scortecci, 1995. p. 16-27.

_____. A vida do seringueiro. In: ROCHA, Hélio. **Maciary, ou para além do encontro das águas.** Rio Branco – Acre: Nepan Editora, 2018. p. 107.

_____. A vida do seringueiro. In: FERRARINI, Sebastião A. **Vozes da Hileia.** Manaus, Imprensa Oficial, 1981. P. 37-40.

_____. A vida do seringueiro. In: ROCHA, Enio Bettine. Lábrea, s/d. p. 39-42.

_____. A vida do seringueiro. In: FREIRE, Cleomildo de Melo. Manaus, HALI promoções e publicações LTDA, 1982.